



Análise semântico-discursiva de demonstrativos em romances escritos nos séculos XIX, XX e XXI na região norte (Amazonas) do Brasil

Discursive-semantic Analysis of Demonstratives in Novels Written in the 19th, 20th and 21st Centuries in the Northern Region (Amazon) of Brazil

Gislane Aparecida Martins Siqueira

Instituto Federal do Amazonas (IFAM), Manaus, Amazonas / Brasil

gislaneams@terra.com.br

<https://orcid.org/0000-0001-9855-3831>

Resumo: Este artigo apresenta uma proposta de análise semântico-discursiva dos demonstrativos *este*, *esse* e *aquele* (flexões e derivados) de textos retirados de um *corpus* composto por romances produzidos na região Norte do Brasil (Amazonas) nos séculos XIX, XX e XXI, fruto de tese de doutorado. O estudo dos demonstrativos foi realizado sob a luz dos pressupostos teórico-metodológicos do funcionalista Givón (2001), de Halliday e Hasan (1976) e de Cambraia (2012, 2015), que apresenta um modelo de articulação das funções semântico-discursivas dos demonstrativos com base nos valores referenciais *endofórico*; *exofórico*; *exo-endofórico*; *anamnético*; e *indeterminador*, os quais, no estudo, proporcionaram a observação de pistas que indicam indícios de uma reorganização do sistema demonstrativo no português da região do Amazonas de ternário para binário, em virtude da ascensão da forma *esse* por oposição à queda da forma *este*, com destaque para as endóforas. Além das categorias referenciais, a análise possibilitou ainda a observação de usos pragmáticos e o reconhecimento de informação *superveniente*, codificando mais função para o demonstrativo brasileiro.

Palavras-chave: demonstrativos brasileiros; romances; semântico-discursiva; valores referenciais.

Abstract: This article presents a proposal for a discursive-semantic analysis of the demonstratives *este*, *esse* and *aquele* (their inflections and derivatives) of texts taken from a *corpus* composed of novels produced in the North region of Brazil (Amazonas) in the 19th, 20th and 21st centuries, result of doctoral thesis. The study of the demonstratives was carried out in the light of the theoretical-methodological assumptions of the functionalist Givón (2001), Halliday and Hasan (1976) and Cambraia (2012, 2015), which presents a model of articulation of discursive-semantic functions of the demonstratives, based on referential values as endophora; exophora; exo-endophora; anamnestic; and undetermined, which in the studied provided the observation of clues that indicate signs of a reorganization of the demonstrative system in the Portuguese of the Amazon region from ternary to binary, due to rise of the form *esse* as opposed to the fall of the form *este*, with emphasis on the categorie endophoric. The analysis also allowed the observation of pragmatic uses and the recognition of supervening information, encoding more function for the Brazilian demonstrative.

Keywords: Brazilian demonstratives; novels; semantic-discursive; referential values.

1 Introdução

Neste artigo, trataremos dos ricos e complexos usos dos demonstrativos brasileiros *este*, *esse* e *aquele* de textos presentes em romances produzidos na região norte do Brasil (Amazonas) nos séculos XIX, XX e XXI, os quais fazem parte do *corpus* da tese de doutorado¹ (composto por textos de romance e de notícias de jornal) que estudou mudança e variação dos mencionados demonstrativos, por intermédio de análises de aspectos morfológicos, sintáticos e semântico-discursivos, observando, ainda, a atuação dos demonstrativos no processo de configuração ternário/binário. Dos aspectos mencionados, trataremos, neste artigo, o semântico-discursivo, abordado por meio dos valores referenciais *exofóricos*, *endofóricos*, *exo-endofóricos*, *anamnético* e *indeterminador*, observando se apresentam pistas que levam ao reconhecimento de uma reorganização, com a implementação do binarismo em oposição a um sistema ternário no português da região do Amazonas (AM), uma das hipóteses proposta na tese.

¹ Cf. Siqueira, 2022.

Atualmente encontramos várias pesquisas dedicadas aos sistemas demonstrativos. Limitamo-nos a citar as que serviram de inspiração para o nosso trabalho, por abordarem os valores referenciais dos demonstrativos, como a de Pavani (1987), que se dedicou ao estudo da morfossintaxe dos demonstrativos na fala culta de São Paulo; Marine (2005) que estudou o sistema demonstrativo do português brasileiro (PB) em jornais e cartas de revistas femininas do século XX; e, em 2009, dedicou-se ao estudo dos demonstrativos em cartas de leitoras das revistas femininas *Capricho* e *Ragazza*; Cambraia (2012), que pesquisou o uso de demonstrativos em textos teatrais do século XVI ao XXI no português brasileiro e no espanhol mexicano; Silva e Cambraia (2013), que apresentaram uma proposta de sistema de classificação para os demonstrativos na România Nova; Cambraia (2015), que estudou o sistema demonstrativo em textos de romance no período do século XIX ao XXI na região do Rio de Janeiro (RJ); Ramalho (2016) que, em sua pesquisa sobre o sistema de demonstrativos, abordou os mesmos gêneros textuais, períodos e métodos semelhantes ao do nosso trabalho, o que nos permitiu, ao longo das análises na tese, traçar comparações de dados entre as duas regiões do Brasil (AM e RJ); Cambraia e Bertolino (2020), que realizaram um estudo comparativo de demonstrativos em anáfora no gênero textual de notícia no crioulo cabo-verdiano e papiamentu; e Rocha (2021), que estudou os sistemas demonstrativos do romeno e do português brasileiro em textos dos gêneros comédia teatral e narrativa histórica do Rio de Janeiro (RJ).

Assim como as pesquisas de Cambraia (2012, 2015) e Ramalho (2016), nosso trabalho também teve como base os pressupostos teórico-metodológicos do funcionalista Givón (2001, p. 19) que acredita que as exigências para a codificação das informações semântico-proposicional e discursivo-pragmática estão constantemente em conflito, resultando em uma ação de compromisso adaptativo entre as pressões funcionais em competição.

2 Metodologia

2.1 Composição do *corpus*

Os textos analisados fazem parte de tese de doutorado com abordagem diacrônica do uso do sistema de demonstrativos. A montagem do *corpus* compreendeu pesquisa, seleção, localização e busca dos romances da região do Amazonas, referentes aos períodos da segunda metade do século XIX, primeira e segunda do século XX e primeira do século XXI.

Na seleção dos romances para composição do *corpus* (da tese), selecionamos romances que, além de suas histórias se passarem ou terem relação com o estado do Amazonas, seus autores também possuísem vínculo com o estado, como histórico de infância ou estudo na cidade de Manaus; ou, na região do Grão Pará (que abrangia Pará e Amazonas), no caso da primeira sincronia, e que as obras escritas fossem exemplares originais (físicos).

O período para estudo foi dividido em quatro sincronias. Cada sincronia (meio século) foi representada por um romance e, a partir de sua leitura, foram coletadas 150 ocorrências de usos de demonstrativos e, em seguida, organizadas, de forma manual (sem o uso de ferramenta de busca), compondo um *corpus* com 600 ocorrências. Convém esclarecer que os dados foram contabilizados a partir da página inicial dos romances até a página em que se alcançou a quantidade de 150 ocorrências. A seguir, apresentamos um quadro com as obras relativas às sincronias estudadas.

Quadro 1 – Corpus romance

Século		Romance	Escritor
XIX	2ª met.	<i>O missionario</i> (1891) [=MIS]	Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853–1918)
XX	1ª met.	<i>Terra de ninguém: romance social do Amazonas</i> (1934) [=TN]	Francisco Xavier Galvão (1906–1956)
	2ª met.	<i>Relato de um certo Oriente</i> (1989) [=RCO]	Milton Hatoum (1952–)
XXI	1ª met.	<i>A próxima cartada</i> (2014) [=PC]	Jackson da Mata (1983–)

Fonte: adaptado de Siqueira (2022, p. 93)

2.2 Da análise semântico-discursiva

Na análise semântico-discursiva, trabalhamos com as categorias referenciais propostas em Cambraia (2012, 2015), ajustando-as às necessidades dos textos que compuseram o *corpus*, assim sistematizadas:

- a) *endófora*, codificando posições dos referentes presentes nos contextos linguísticos, por meio das subcategorias *anáfora*, *catáfora* e *ana-catáfora*;
- b) *exófora*, codificando espaços (exófora espacial), distâncias temporais (exófora temporal) e o próprio texto (exófora metatextual). Nesses casos, o demonstrativo no exercício da função dêitica, aponta ou indica algo ou alguém não mencionado no discurso, porém, presente no contexto situacional;
- c) *exo-endófora*, categoria em que há acumulação de exófora e endófora, ou seja, o referente está, ao mesmo tempo, no contexto linguístico e na situação da enunciação;
- d) *anamnética*, categoria em que o referente é inferido somente pelo conhecimento compartilhado entre o falante e o ouvinte;
- e) *indeterminadora*, categoria em que o referente exerce no texto função indeterminada.

3 Análise semântico-discursiva dos demonstrativos

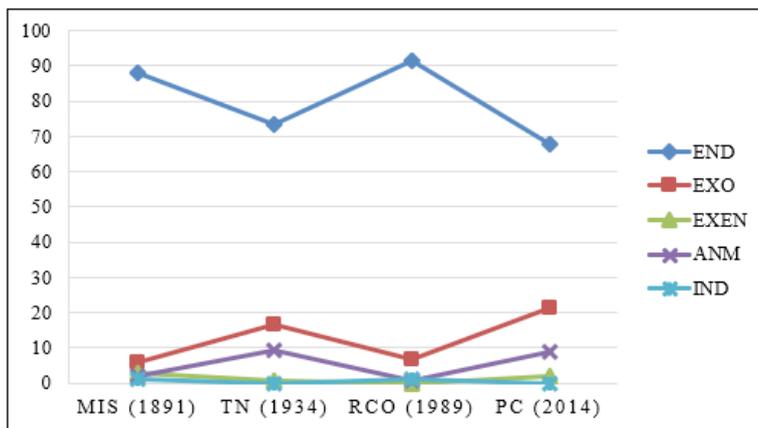
Iniciamos as análises apresentando a tabela e o gráfico que exibem aspectos quantitativos dos valores referenciais de endófora (END), exófora (EXO), exo-endófora (EXEN), anamnético (ANM) e indeterminador (IND) presentes nos textos dos romances, cujos títulos estão abreviados conforme os apresentados no quadro 1.

Tabela 1 – Frequência de demonstrativos (romances) por valor referencial

Séc.	Rom.	END	EXO	EXEN	ANM	IND	Total
XIX	MIS (1891)	129 86%	9 6%	7 4,7%	3 2%	2 1,3%	150 100%
XX	TN (1934)	110 73,3%	25 16,7%	1 0,7%	14 9,3%	–	150 100%
	RCO (1989)	137 91,3%	10 6,7%	–	1 0,7%	2 1,3%	150 100%
XXI	PC (2014)	102 68%	32 21,3%	3 2%	13 8,7%	–	150 100%

Fonte: Siqueira (2022, p. 166)

Gráfico 1 – Frequência (%) de demonstrativos (romances) por valor referencial



Fonte: Siqueira (2022, p. 166)

Os dados mostram a endófora como a mais produtiva das referências em todas as sincronias, oscilando entre 68% e 91,3%, enquanto a referência exofórica não ultrapassou 21,3%. Em escalas abaixo ficaram as funções anamnética oscilando entre 0,7% e 9,3%;

exo-endófora atingindo o máximo de 4,7%; e a função indeterminadora variando de 0% a 1,3%.

3.1 Referência endofórica

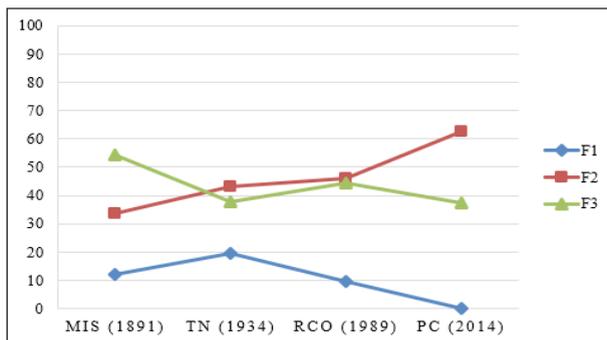
Das 600 ocorrências que compuseram os dados, 478 (79,6%) foram endóforas, o que mostra a grande influência que essa categoria exerce no uso das formas demonstrativas. Para entendermos a atuação das formas demonstrativas nas endóforas, apresentamos suas frequências em tabela e gráfico. A partir de agora, em tabelas e gráficos, a forma *este* (flexões e derivações) será representada por (F1); *esse* (flexões e derivações), representada por (F2); e *aquela* (flexões e derivações), representada por (F3).

Tabela 2 – Frequência de demonstrativos em endófora por forma

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	16 12,4%	41 31,8%	72 55,8%	129 100%
XX	TN (1934)	21 19,1%	47 42,7%	42 38,2%	110 100%
	RCO (1989)	13 9,5%	63 46%	61 44,5%	137 100%
XXI	PC (2014)	–	64 62,7%	38 37,3%	102 100%

Fonte: Siqueira (2022, p. 193)

Gráfico 2 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora por forma



Fonte: Siqueira (2022, p. 193)

Dentre as formas, F1 apresentou as frequências mais baixas em todas as sincronias, enquanto F2 esteve em ascensão ao longo do tempo, concorrendo com as frequências de F3. Essa grande produtividade de F3 está associada às narrações de acontecimentos passados que, convencionalmente, são realizadas com F3.

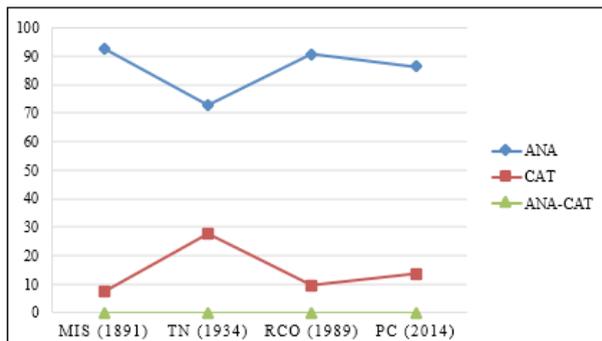
As referências endofóricas foram divididas em anáfora (ANA), com referente posicionado antes do demonstrativo; catáfora (CAT), com referente posicionado após o demonstrativo; e ana-catáfora (ANA-CAT), com referente posicionado simultaneamente antes e depois do demonstrativo. Apresentamos, a seguir, tabela e gráfico dessas subcategorias:

Tabela 3 – Frequência de demonstrativos em subcategoria endofórica

Séc.	Rom.	ANA	CAT	ANA-CAT	Total
XIX	MIS (1891)	119 92,2%	10 7,8%	–	129 100%
XX	TN (1934)	80 72,7%	30 27,3%	–	110 100%
	RCO (1989)	124 90,5%	13 9,5%	–	137 100%
XXI	PC (2014)	88 86,3%	14 13,7%	–	102 100%

Fonte: Siqueira (2022, p. 198)

Gráfico 3 – Frequência (%) de demonstrativos em subcategoria endofórica



Fonte: Siqueira (2022, p. 198)

A maioria das ocorrências endofóricas foram de anáforas (72,7% a 92,2%). As catáforas se distribuíram entre 7,8% e 27,3% e não houve ocorrência da subcategoria ana-catafórica.

3.1.1 Endófora anafórica

Os demonstrativos que compuseram as endóforas anafóricas refletiram o mesmo padrão presente nas formas gerais de endóforas (Tabela 2), com alta produtividade (190 ocorrências) e ascensão de F2, em detrimento do descenso de F1(44 ocorrências). F3 (177 ocorrências) foi mais produtiva que F1, confirmando a contribuição das endóforas anafóricas para o binarismo (esse/aquele). Nessa subcategoria, a maioria dos antecedentes se encontraram no discurso do locutor e, apenas uma apresentou o antecedente no discurso do interlocutor.

Ao constatarmos a complexidade dos textos que compuseram o *corpus*, decidimos pela divisão das anáforas em *não proposicional*, aquela cujo referente se compõe por apenas um sintagma nominal, como no exemplo (1); e *proposicional*, com referente estruturado por uma ou mais orações, manifesto nos romances por enunciados que expressam fato, evento e até opinião, como no exemplo (2).

(1) Quando se fôra adiantando nos estudos e entrara a decifrar a philosophia de S. Thomaz e do Genuense com auxilio de Padre Azevedo, quando cursara a theologia moral e dogmatica, o seu espirito perdera-se n'um dedalo de idéas antagonicas e

contradictórias. *A duvida, essa filha de Satanaz*, pairara sobre a sua alma d'ignorante, como um gavião prestes a devoral-a. (Souza, 1899, p. 95-96, grifo nosso)

(2) O Valladão, tossindo todo arcado, também atirara a sua pedrinha:

— *A vizinhança é uma das commodidades desta casa. O Macario sacristão tem dedo para estas cousas.*

Macario, muito serio, protestara, mas Padre Antonio fingira não perceber **aquellas allusões bregeiras**.

(Souza, 1899, p. 86, grifo nosso)

3.1.2 Endófora catafórica

Na endófora catafórica, em 100% das ocorrências, o referente esteve presente no discurso do locutor. Nessa subcategoria de endófora, F1 apresentou apenas 6 ocorrências; F3 foi a forma mais produtiva (36 ocorrências), sendo ultrapassada por F2 (25 ocorrências) somente na última sincronia, mostrando a contribuição das endóforas catafóricas para a produtividade de F3 no romance.

As endóforas catafóricas foram analisadas como *estrutural* (referente anexo à expressão demonstrativa) e *não estrutural* (referente apartado da expressão demonstrativa), como propõem Halliday e Hasan (1976, p. 68).

a) Endóforas catafóricas estruturais

Encontramos no *corpus* 45 ocorrências de catáfora estrutural, praticamente o dobro da catáfora não estrutural. Acreditamos que os narradores preferiram o uso das estruturais ao das não estruturais pensando na fluidez do enunciado, pois, ao se apartar o referente da expressão demonstrativa, ocorre a quebra da sequência linear do enunciado, como veremos em b. Quanto às formas, ao longo dos períodos, F3 se sobressaiu como a mais produtiva (25 ocorrências), seguida de F2, em ascensão (17 ocorrências) e F1 (3 ocorrências). Nos textos, as catáforas estruturais foram representadas pelas orações relativas restritiva/explicativas, como nos exemplos (3) e (4):

(3) Ao chegarem á sala do jantar, pela porta que dava para o quintal, o vereador João Carlos mostrara o quintal vizinho, e explicara que **n’aquella casa, cujo telhado se avistava por entre as touças de bananeiras**, morava uma rapariga, desquitada do marido, uma tal Luiza Madeirense, que se occupava, para apparentar boa vida, em serviços de engommado.
(Souza, 1989, p. 85, grifo nosso)

(4) — Terei a coragem de afrontar o ódio, a cólera dos meus, pelo nosso amor, por amor de ti, e **daquele que já vive dentro de mim...**
(Galvão, 1934, p. 147, grifo nosso)

b) Endóforas catafóricas não estruturais

Das 67 ocorrências de endófora catafórica no *corpus*, apenas 22 foram classificadas como não estruturais. Assim como na catáfora estrutural, o demonstrativo *aquele* se destacou como o mais produtivo nessa subcategoria, confirmando a categoria catafórica como contribuinte da produtividade de F3 no romance. O romance TN apresentou 12 ocorrências; o PC, 5; o RCO, 4; e o MIS, apenas 1 ocorrência, o que nos permitiu inferir a associação do uso da catáfora não estrutural ao estilo/criatividade dos romancistas. As catáforas não estruturais se apresentaram nos romances, após dois pontos (:), vírgula (,), travessão (—) e, até após interrogação, como exemplificado em (5):

(5) A cada passo Otto pensava no verdadeiro significado da palavra “liberdade”, proferida pelo amigo Gervandro. Será que liberdade era **aquilo?** *Passar fome, andar sem rumo.*
(Mata, 2014, p. 40, grifo nosso)

3.1.3 Endófora ana-catafórica

A endófora ana-catafórica é constituída, concomitantemente, por anáfora e catáfora. No *corpus* (romances) não houve ocorrência dessa referência. Apresentamos, para conhecimento, um exemplo presente no *corpus* notícia de jornal, que faz parte da tese que originou o *corpus* romance:

(6) Não sabemos quaes as providencias que foram dadas na occasião para salvar-se este official; o que não resta duvida é que *o infeliz Manoel Valente da Silva morreu e que o companheiro salvou-se por um milagre*. Factos **desta ordem**, em que operarios perdem a vida, devem calar no espírito das pessoas que empreendem obras sem saber o que estão fazendo, que todas as cautellas são poucas, e lembrarem-se que por falta de cuidado, de intelligencia e de conhecimentos práticos, involuntariamente são a causa da morte de um seu semelhante. (Morte, 1874, p. 3)

3.2 Referência Exofórica

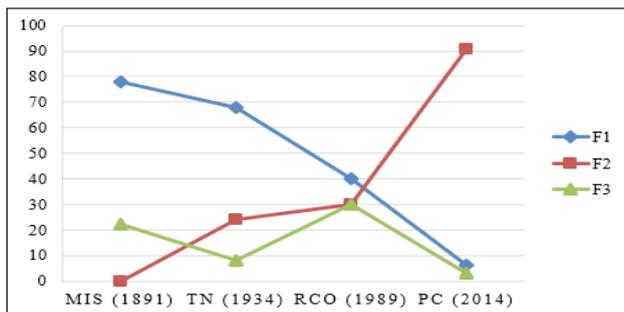
Das 600 ocorrências analisadas, apenas 76 (12,7%) foram de exóforas. Embora tenham sido bem menos frequentes que as endóforas, ocuparam a segunda posição em produtividade. Para entendermos a atuação das formas demonstrativas nas exóforas dos textos, apresentamos as frequências das formas em tabela e gráfico:

Tabela 4 – Frequência de demonstrativos em exófora por forma

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	7 77,8%	–	2 22,2%	9 100%
XX	TN (1934)	17 68%	6 24%	2 8%	25 100%
	RCO (1989)	4 40%	3 30%	3 30%	10 100%
XXI	PC (2014)	2 6,3%	29 90,6%	1 3,1%	32 100%

Fonte: Siqueira (2022, p. 171)

Gráfico 4 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora por forma



Fonte: Siqueira (2022, p. 171)

Observamos, pelos dados, a ascensão de F2 em oposição ao descenso de F1 e F3 com frequências atingindo o máximo 30%, confirmando sua maior produtividade nas endóforas que nas exóforas.

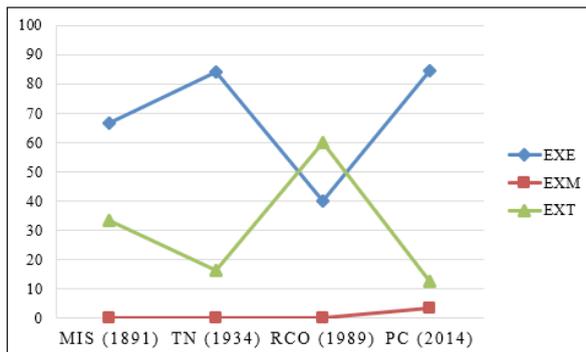
As exóforas foram analisadas segundo espaços (EXE – exófora espacial) e tempos (EXT – exófora temporal) inscritos na situação da enunciação, e também, por fazerem referência ao próprio texto (EXM – exófora metatextual). Observemos a distribuição dessas funções na tabela e gráfico a seguir:

Tabela 5 – Frequência de demonstrativos em exófora

Séc.	Rom.	EXE	EXT	EXM	Total
XIX	MIS (1891)	6 66,7%	3 33,3%	–	9 100%
	TN (1934)	21 84%	4 16%	–	25 100%
XX	RCO (1989)	4 40%	6 60%	–	10 100%
	PC (2014)	27 84,4%	4 12,5%	1 3,1%	32 100%

Fonte: Siqueira (2022, p. 174)

Gráfico 5 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora



Fonte: Siqueira (2022, p. 174)

Os dados mostram que os romancistas privilegiaram o espaço (58 ocorrências) ao tempo (17 ocorrências) e, que somente o romance PC (2014) contemplou a exófora metatextual (01 ocorrência), confirmando que os romancistas eleitos para comporem o *corpus* não possuem o hábito de referenciar seus próprios textos. Passamos a detalhes de cada subcategoria exofórica.

3.2.1 Exófora espacial

Das 58 ocorrências de exóforas espaciais presentes no *corpus*, 56 (96,6%) exprimiram proximidade do locutor e apenas 2 (3,4%) exprimiram proximidade do interlocutor. Quanto às formas, F1 esteve presente nas três primeiras sincronias com produtividade entre 76% a 100%. No entanto, na quarta sincronia, sua frequência caiu vertiginosamente para 3,7%, em detrimento da alta produtividade de F2 com 96,3%, mostrando a preferência do romancista da última sincronia – PC (2014) – pelo uso de exóforas espaciais com F2 tanto para indicar proximidade do locutor como do interlocutor. F3 não foi contemplada na exófora espacial.

A exófora espacial se fez presente nos romances por meio de espaços retratados no momento da enunciação como no exemplo (7), de referente abstrato como no exemplo (8) e de descrição de fenômeno da natureza, indicando a atmosfera do espaço como no exemplo (9).

(7) — Ah, eu não, eu... — Otto não sabia o que responder enquanto o Velho Esmirno dizia: — Venha cá, você precisa de um lugar para descansar. Otto ia relutante, com a cabeça baixa e sem dizer uma palavra.

— Ô, garoto, você pode ficar com **esse camarote**, não tem ninguém nele. Só se comporte, e esteja onde meus olhos alcancem — disse Esmirno. (Mata, 2014, p. 42, grifo nosso)

(8) Ao quarto dia, quando lhe vieram abrir a porta do carcere, estava magro e pallido, denunciando no olhar febril e na agitação do pulso a exaltação que o possuía. Devorara o almoço com um apetite de tres dias, e recolhera-se ao dormitório, dizendo-se adoentado.

— **Esta febre**, dissera o Reitor, é obra do demonio da soberba. (Souza, 1899, p. 114, grifo nosso)

(9) — É uma hora ingrata — lamentou-se o homem. — Ainda mais com **este chuvisco e o sol ralado**; o olhar não se decide por nada. (Hatoum, 1989, p. 64, grifo nosso)

3.2.2 Exófora temporal

Os textos dos romances apresentaram 17 ocorrências de exóforas que exprimiram tempo. Quanto às formas, F3 foi a mais produtiva, estando presente em todos os romances (8 ocorrências), seguida de F2 (6 ocorrências), ausente somente em MIS (1891), e de F1 (3 ocorrências), ausente somente em RCO (1989). Quanto à proximidade e distanciamento temporal em relação aos interlocutores do discurso, o *passado distante* (9 ocorrências), assim como a forma F3 (que via de regra o codifica), foi a relação de tempo mais produtiva, sendo observada em menções de *época remota* como em (10) e *tempo vago* como no exemplo (11):

(10) Tu ainda engatinhavas **naquele natal de 54** e Soraya Ângela era a minha companheira. (Hatoum, 1989, p. 12, grifo nosso)

(11) **Naquela manhã de ano novo**, vim ao mundo. Da igreja, caiada de frêsko, os fieis, mal findara a missa cantada, correram á casa do velho Nicacio, a vêr-me no berço, empacotado em coeiros grossos devido o inverno. (Galvão, 1934, p. 8, grifo nosso)

O *tempo presente* (6 ocorrências) foi contemplado em todas as sincronias, vejamos codificações pelas formas *este* e *esse*:

(12) — A safra **deste ano**, boa, meu filho, porém os preços, bem ruins. O ano passado pensei em perder a cabeça. A borracha desceu até não poder mais. (Galvão, 1934, p. 70, grifo nosso)

(13) Ao se despedir da antiga vizinha, Ofélia disse baixinho no momento de distração de Siba. — Estou debilitada e bastante lânguida, não sei como explicar para o meu filho **nesse momento**, tenho medo de ter que o abandonar.
(Mata, 2014, p. 31, grifo nosso)

Os casos de *futuro próximo* (2 ocorrências) foram codificados com a forma *esse*, como no exemplo (14):

(14) Está satisfeita? Por **esses dias** irei até aí consolar o seu coração de mãe idolatrada e apresentar, reverentemente, os meus respeitos á dona Nadesca. Cro Obro. e admirador, Frederico.
(Galvão, 1934, p. 135, grifo nosso)

Os tempos *passado próximo* e *futuro distante* não apresentaram ocorrência nos textos analisados.

3.2.3 Exófora metatextual

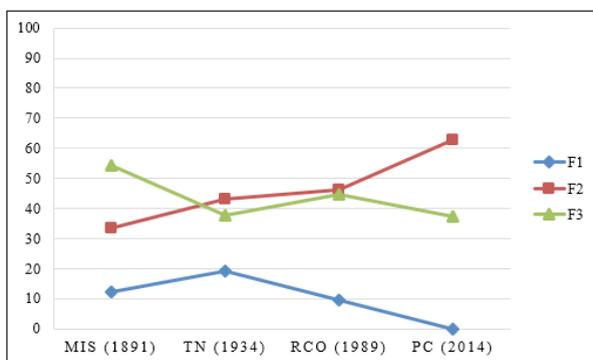
A exófora metatextual diz respeito ao texto que faz referência a seu próprio discurso. No *corpus* foi identificada apenas uma exófora metatextual codificada com a forma *essa*, conforme se observa no exemplo (15). A baixa produtividade da exófora metatextual nos levou à inferência de que o uso dessa categoria está associado ao estilo e à criatividade do romancista.

(15) Tentarei transcrever da forma mais vitalícia possível como um escritor comprometido com a história e a vida, que tem o dever de registrar a marca desse experiente brasileiro. Quiçá, amigos leitores, mergulharemos na realidade e contradições brasileiras. Não obstante, **essa** é uma história que traça amor, ódio, compaixão e vingança em um triste retrato de um país que não cura as suas feridas. (Mata, 2014, p. 18, grifo nosso)

3.3 Paralelo entre endófora e exófora

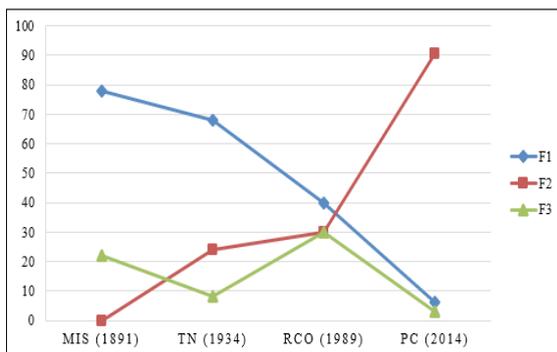
Após descrição dos usos endofóricos e exofóricos, as duas referências mais produtivas no *corpus*, que representam 92,3% (554 ocorrências), traçamos um paralelo entre as formas demonstrativas dessas referências, observando os dados já estudados:

Gráfico 2 – Frequência (%) de demonstrativos em endófora por forma



Fonte: Siqueira (2022, p. 193)

Gráfico 4 – Frequência (%) de demonstrativos em exófora por forma



Fonte: Siqueira (2022, p. 171)

Na referência endofórica, F2 apresentou frequências superiores às de F1 ao longo de todas as sincronias, enquanto na referência exofórica

houve a predominância de F1 até a segunda metade do século XX. Na primeira metade do século XXI, F2 ascendeu de 30% para 90%, apresentando-se como a forma mais produtiva, enquanto a frequência de F1 caiu vertiginosamente de 40% para 6%. A comparação confirma ainda que a grande produtividade de F3 no romance se deveu à referência endofórica. Ramalho (2016) que trabalhou com romances na região do RJ nessas mesmas sincronias, apresentou um resultado similar ao da região do Amazonas (RA). No intuito de compararmos a atuação das duas referências ao longo dos períodos analisados nos dois trabalhos, apresentamos um quadro, em que foi registrado com X a situação em que F2 foi mais frequente do que F1 nos trabalhos das duas regiões:

Quadro 2 – Predomínio de F2 sobre F1 em exófora e em endófora (romance) da RA e do RJ

Períodos	RA		RJ	
	EXO	ENDO	EXO	ENDO
2 ^a met. séc. XIX	—	X	—	X
1 ^a met. séc. XX	—	X	—	X
2 ^a met. séc. XX	—	X	—	X
1 ^a met. séc. XXI	X	X	X	X

Fonte: Siqueira (2022, p. 169)

O quadro mostra a similaridade do resultado dos dois trabalhos. Na categoria endofórica, as frequências de F2 foram superiores às de F1 em todas as sincronias e, na exofórica, F2 foi mais frequente somente a partir da primeira metade do século XXI. O resultado das pesquisas referentes às duas regiões corrobora a hipótese de Câmara Jr. (1971, 1985) de que o binarismo no PB seria um caso de estabelecimento de simetria no sistema de demonstrativos, com o comportamento dos demonstrativos na endófora influenciando o comportamento dos demonstrativos na exófora, hipótese também comprovada por Cambraia (2012).

3.4 Referência anamnética

Anamnética é a categoria em que o referente não está presente no contexto linguístico e nem na situação da fala. Nela, o referente é

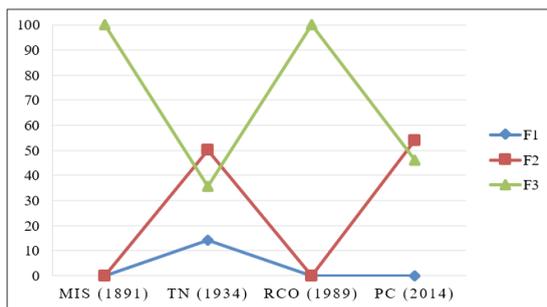
inferido por meio do conhecimento compartilhado entre o falante e ouvinte/escritor e leitor. Dentre as referências, a anamnética ocupou a terceira posição em produtividade. No *corpus* houve 31 casos dessa função, como mostram a tabela e o gráfico das formas:

Tabela 6 – Frequência de demonstrativos na função anamnética por forma

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	–	–	3 100%	3 100%
XX	TN (1934)	2 14,3%	7 50%	5 35,7%	14 100%
	RCO (1989)	–	–	1 100%	1 100%
XXI	PC (2014)	–	7 53,8%	6 46,2%	13 100%

Fonte: Siqueira (2022, p. 221)

Gráfico 6 – Frequência (%) de demonstrativos na função anamnética por forma



Fonte: Siqueira (2022, p. 221)

Os dados mostram F3 presente em todas as sincronias. Apenas os romances TN (1934) e PC (2014) expressaram a função com F2 e, F1, mais rara, foi privilegiada somente em TN (1934), o que nos levou

a crer que essa categoria pode estar associada ao estilo de criação do romancista, uma vez que em TN (1934), o romancista fez usos dela com as três formas, enquanto MIS e RCO utilizaram-na poucas vezes e somente com F3. Apresentamos, a seguir, um diálogo em que há duas ocorrências dessa função:

(16) — Não tenha mais dúvidas; o que ela tem é gravidez... Foi um deus-nos-acuda no barracão. A mãe aflita, nervosa, perdeu os sentidos. Minervina ao vê-la assim, arrependeu-se de lhe ter dado a nova, sem lhe preparar o espírito. Assim sofria menos.

Nadesca dáva-lhe a cheirar “Água Florida” a dona Rosa, desfalecida preparando-se para a defeza. Voltando a si do acesso, perguntou-lhe.

— Quem foi **esse malvado**, minha filha?

— Não fale assim Mamãe, cedi apenas ao que me ordenava o instinto. Anatolio não tem a menor culpa.

Estavam a sós.

— E o que te espera agora? Teu pai não consentirá jamais **nesse casamento**. Seria impossível. (Galvão, 1934, p. 152, grifo nosso)

Observamos, no fragmento, que os sentidos dos demonstrativos nas expressões *esse malvado* e *nesse casamento*, externadas pela mãe de Nadesca, são obtidos na interação verbal, por meio do conhecimento compartilhado entre as falantes. É notável, nas expressões demonstrativas, o peso da aplicação pragmática de uso familiar, revelando informações relacionadas a tradições culturais e valores sociais que as interlocutoras compartilham.

3.5 Referência exo-endofórica

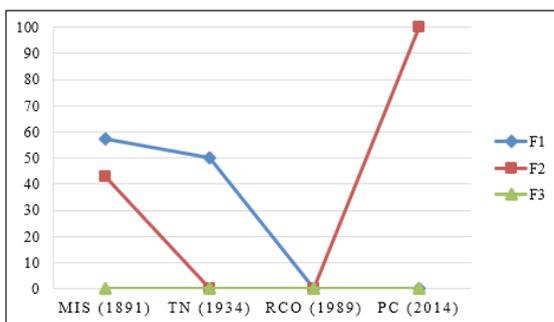
A referência *exo-endofórica* é aquela que o referente se apresenta no contexto linguístico e na situação da enunciação. Dentre as funções, ocupou a quarta posição em produtividade, apresentado 11 casos, sendo 5 realizados com F1 e 6 com F2, como mostram a tabela e o gráfico:

Tabela 7 – Frequência de demonstrativos em exo-endófora por forma

Séc.	Rom.	F1	F2	F3	Total
XIX	MIS (1891)	4 57,1%	3 42,9%		7 100%
XX	TN (1934)	1 50%	–		1 100%
	RCO (1989)	–	–	–	–
XXI	PC (2014)	–	3 100%	–	3 100%

Fonte: Siqueira (2022, p. 217)

Gráfico 7 – Frequência (%) de demonstrativos em exo-endófora por forma



Fonte: Siqueira (2022, p. 217)

Vejamos exemplos da referência exo-endofórica:

(17) Sempre que chegava algum viajante, João Pinheiro gritava para dentro:

— Moleque, traze *café para este homem*.

O moleque, lá de dentro, respondia:

— Já, sim siô.

O viajante ficava com a boca doce, esperando refrescar-se com o cafédorio do João Pinheiro.

Passava um quarto d’hora... e nada.
— Moleque, olha **esse café!** Gritava o fazendeiro.
— Já vai, sim siô.
O viajante, que já estava com a garganta secca de engulir em falso, concebia uma esperança.
Passava outro quarto d’hora... e de café, nem lembrança.
— Moleque, vem ou não vem **esse café?** perguntava o João Pinheiro.
E o moleque:
— Já vai já, sim, siô.
O viajante puxava o relógio, sentindo não ter tempo de esperar que fizessem o fogo.
Passava outro quarto d’hora:
— Ó moleque do dianho, então **esse marvado café** não vem hoje?
(Souza, 1899, p. 155-156, grifo nosso)

Em (17), as expressões em destaque *esse café* (2 ocorrências) e *esse marvado café* (1 ocorrência) têm como referente *café para este homem*, sendo por isso endóforas anafóricas. No entanto, embora o café não tenha chegado às mãos do viajante (este homem), ele se encontra na situação da fala, próximo ao moleque (lá dentro), à média distância de seu interlocutor (João Pinheiro), caracterizando a existência da exófora espacial. Em vista disso, classificamos as ocorrências destacadas acima como exo-endóforas, com exóforas espaciais que codificam distância média do interlocutor e endóforas anafóricas por retomarem *café para este homem*. Observemos agora o exemplo (18):

(18) — Moleque, traze café para este homem.
O moleque, lá de dentro, respondia:
— Já, sim siô. (...)
— Ó moleque do dianho, então esse marvado café não vem hoje?
— Já vai agora mesmo, meu siô. O viajante levantava-se e despedia-se, farto de esperar.
— **Este dianho de moleque**, dizia o João Pinheiro, apertando a mão ao hospede, **este dianho de moleque** é assim mesmo.
(Souza, 1899, p. 156, grifo nosso)

A expressão demonstrativa **Este dianho de moleque** tem como referente *O moleque, lá de dentro*. No texto, o moleque participa da cena comunicativa, pois responde ao pedido de João Pinheiro. Ele não está junto de João Pinheiro, mas também não está muito distante, pois o ouve

e responde ao seu pedido. As gramáticas normativas trazem o consenso de que o demonstrativo *este* deve codificar proximidade do locutor; *esse*, proximidade do interlocutor e *aquele*, afastamento do locutor e do interlocutor. Cunha e Cintra (1985, p. 322) admitem também a 2ª pessoa (*esse*) marcando situação intermediária ou distante. No entanto, a expressão demonstrativa foi realizada com a forma *este*. Entendemos que a frase **Este dianho de moleque** é usada como função pragmática de cunho familiar/animada e que codifica *afastamento do locutor e do interlocutor*; considerando que o *moleque* está longe de João Pinheiro e do viajante com quem ele se justifica.

Reconhecemos a complexidade desse uso do demonstrativo, tanto no que diz respeito à gradação de distância, quanto ao seu emprego pragmático e, ainda, propomos ao caso, como acréscimo, a análise da função *superveniente* do demonstrativo, a exemplo de Cambraia e Bertolino (2020, p. 150), entendendo que para **Este dianho de moleque** cabe a codificação *superveniente de ênfase depreciativa*, considerando a reprovação da atitude do moleque (por João Pinheiro), que não compareceu com o café.

Nas demais ocorrências exo-endofóricas do *corpus*, as exóforas também codificaram espaço e a maioria das endóforas foram anafóricas, havendo apenas um caso realizado com catáfora:

(19) — Tania Federova tomou conta de min para sempre.
Acabrunha-me **este exílio**, onde demoram tanto as suas notícias.
(Galvão, 1934, p. 92-93, grifo nosso)

Em (19), a expressão demonstrativa *este exílio* codificou o espaço em que o personagem se encontrava (casa do pai no Amazonas) e teve como referente catafórico a oração relativa *onde demoram tanto as suas notícias*.

3.6 Referência indeterminadora

Na função indeterminadora, o referente não é mencionado no ambiente do discurso, não se encontra na situação de fala e também não é presumível por meio de memórias compartilhadas. No *corpus* houve apenas 4 ocorrências dessa função (motivo da ausência da tabela e do gráfico), sendo a menos produtiva das funções. Elas se apresentam com demonstrativos que se associam entre si, atuando em pares para conferir

a propriedade indeterminadora. No *corpus*, os dois pares foram formados com F1–F3 no romance MIS (1891) e com F2–F3 no romance RCO (1989). Vejamos um exemplo:

(20) — Samara já está de volta.

E um dia, depois de pronunciar a frase lacônica, um dos filhos dele acrescentou:

— De volta da moradia clandestina...

Nessa época nosso avô não tinha ímpeto para contestar **esse** ou **aquele**, e muito menos para repreender os dois filhos que outrora ele insultara de javardos, ameaçando-os com um cinturão. (Hatoum, 1989, p. 19, grifo nosso)

Em (20), a expressão com os demonstrativos *esse* e *aquele* ligados pela conjunção *ou* é equivalente à expressão *qualquer pessoa*, também de natureza indeterminadora.

4 Considerações Finais

A análise semântico-discursiva dos textos dos romances, além da observação das diversificadas funções dos demonstrativos, possibilitou, ainda, a constatação de valores *pragmáticos* e até de função *superveniente*, codificando informação funcional extra, confirmando os ricos e complexos usos dos demonstrativos brasileiros.

A hipótese de que, no português da região do Amazonas, o sistema de demonstrativos poderia estar passando por uma reorganização, com a implementação do binarismo em oposição a um sistema ternário foi confirmada, ao ser constatada a produtividade e a ascensão da forma *esse* por oposição à queda da forma *este* e a grande produtividade da forma *aquele* na referência endofórica (praticamente 80% do *corpus*). Constatamos, ainda, nessa categoria, a predominância, em todas as sincronias, do demonstrativo *esse* sobre *este*, enquanto na referência exofórica, esse fenômeno aconteceu somente na **última sincronia (século XXI)**, corroborando a hipótese de que o binarismo no português brasileiro teve início no sistema da endófora, influenciando o sistema da exófora, como constataram também Câmara Jr. (1971, 1985), Cambraia (2012) e Ramalho (2016).

Agradecimento

Ao professor **César Nardelli Cambraia pela generosidade** em compartilhar seus conhecimentos sobre os sistemas demonstrativos.

Referências

CÂMARA JR., J. M. Uma evolução em marcha: a relação entre esse e este. In: COSERIU, E.; STEMPEL, W. D. (org.). *Sprache und Geschichte: Festschrift für Harri Meier zum 65 Geburtstag*. München: Wilhelm Fink, 1971. p. 327-331.

CÂMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CAMBRAIA, C. N. *Assimetrias românicas: sistemas de demonstrativos (português brasileiro × espanhol mexicano) [Fase I]*. Relatório final de produtividade em pesquisa do CNPq. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

CAMBRAIA, C. N. *Assimetrias românicas: sistemas de demonstrativos (português brasileiro × espanhol mexicano) [Fase II]*. Relatório final de produtividade em pesquisa CNPq Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

CAMBRAIA, C. N.; BERTOLINO, D. S. Crioulo cabo-verdiano e papiamento: estudo comparativo de demonstrativos em anáfora no gênero textual de notícia. *Estudos em Letras*, Cassilândia, v. 1, p. 143-165, 2020. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/estudosletras/article/download/5211/3438>. Acesso em: 30 dez. 2021.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GALVÃO, F. X. *Terra de ninguém* (romance social do amazonas). Rio de Janeiro: Adersen-editores, 1934.

GIVÓN, T. *Syntax: An introduction*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2001.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman Group Limited London, 1976.

HATOUM, M. *Relato de um certo oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MARINE, T. de C. O sistema dos pronomes demonstrativos no português do Brasil: uma especialização das formas. *Revista do GEL*, Araraquara, v. 2, p. 39-53, 2005.

MARINE, T. de C. *Um estudo sócio-discursivo do sistema pronominal dos demonstrativos no português contemporâneo*. 2009. 220 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2009.

MATA, J. *A próxima cartada*. São Paulo: Giostri, 2014.

MORTE. *Jornal Commercio do Amazonas*, Manaus, 04 jun. 1874. Noticiário, p. 3.

PAVANI, S. *Os demonstrativos este, esse e aquele no português culto falado em São Paulo*. 90 f. 1987. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1987. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/270458/1/Pavani_Silvia_M.pdf. Acesso em: 20 fev. 2020.

RAMALHO, V. H. B. *Sistema de demonstrativos no português brasileiro e no espanhol mexicano sob a perspectiva das tradições discursivas: gêneros notícia e romance*, 2016. 260 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MGSS-A9ZRHQ>> Acesso em: 30 set. 2023.

ROCHA, E. L. F. *Demonstrativos no português brasileiro e no romeno: um estudo comparado em narrativas históricas e em peças teatrais de comédia*, 2021. 183 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/35944>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SILVA, C. S. F; CAMBRAIA, C. N. Demonstrativos na România Nova: proposta de sistema de classificação. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, v. XVII, n. 9, p. 42-61, 2013.

SIQUEIRA, G. A. M. *Demonstrativos no português da Região do Amazonas nos séculos XIX, XX, XXI*. 2022. 236 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais,

Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/40840>. Acesso em: 15. jun. 2023.

SOUZA, H. M. I. *O missionario*. 2. ed. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia, 1899.

Recebido em: 9 de fevereiro de 2023.

Aprovado em: 19 de junho de 2023.